

EM FOCO

TEATRO LEGISLATIVO
E RACISMO: ARTE,
POLÍTICA E MILITÂNCIA

LEGISLATIVE THEATER
AND RACISM: *ART, POLITICS
AND MILITANCY*

NOELI TURLE DA SILVA (LICKO TURLE)

SILVA, Noeli Turle da (Licko Turle).
Teatro legislativo e racismo: arte, política e militância.
Repertório, Salvador, ano 20, n. 29, p. **146-162**, 2017.2

RESUMO

A partir da comparação de similaridades entre as propostas de ação política dos mandatos das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella, em Belo Horizonte-MG, e o de Augusto Boal, no Rio de Janeiro-RJ, separados temporalmente em 20 anos, o artigo traz uma primeira observação de como, neste novo momento da vida política e social brasileira, o Teatro Legislativo é retomado como tática estética, com o propósito de dar visibilidade e protagonismo à população negra, excluída, marginalizada e historicamente colocada na periferia do poder decisório.

PALAVRAS-CHAVE:

Racismo. Teatro do Oprimido. Teatro Legislativo. Teatro Fórum. Gabinetona.

ABSTRACT

From the comparison of similarities between the political action proposals of the councilors Áurea Carolina and Cida Falabella in Belo Horizonte-MG and Augusto Boal in Rio de Janeiro-RJ, separated temporarily in twenty years, the article brings a first observation of how, in this new moment of Brazilian political and social life, the Legislative Theater is retaken as an aesthetic tactic, with the purpose of giving visibility and protagonism to the black population, excluded, marginalized and historically placed in the periphery of the decision making power.

KEYWORDS:

Racism. Theater of the Oppressed. Legislative Theater. Theater Fórum. Gabinetone.

TEATRO LEGISLATIVO E RACISMO: ARTE, POLÍTICA E MILITÂNCIA



FIGURA 1: Ilustração
da Chamada Pública
da Gabinetona, Belo
Horizonte, 2017.
Arte Gabinetona.

O TEATRO LEGISLATIVO é uma das várias técnicas que constituem a *Árvore do Teatro do Oprimido*, desenvolvido por Augusto Boal em seu Mandato Político-Teatral na Câmara Municipal do Rio de Janeiro quando vereador do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 1993 e 1996. Nesta ocasião, o teatro foi utilizado como instância mediadora entre o parlamentar e o cidadão, fazendo da relação entre o artista e o público uma discussão de interesse comum. Anos depois, a ideia é retomada na Câmara Municipal de Belo Horizonte pelas vereadoras do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Áurea Carolina e Cida Falabella, que reeditam parte da proposta de Boal, criando um projeto singular batizado como “Gabinetona”.

Em 1993, o Mandato Político Teatral de Augusto Boal levou um grupo de teatro para atuar em sua assessoria parlamentar: os *curingas*, atores-educadores do Centro de Teatro do Oprimido (CTO). Em 2017, reconhecendo que já existe, hoje, um número significativo de orientadores profissionais que atuam nessa área, inovando e democratizando o processo de composição de assessoria parlamentar, a Gabinetona propõe uma ação inovadora no processo de formação de sua equipe, divulgando uma Chamada Pública para a ocupação dos cargos comissionados relativos a esse espaço:

CHAMADA PÚBLICA

Seleção de pessoas para compor a gabinetona, a equipe parlamentar do mandato coletivo das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella.

1- APRESENTAÇÃO

Em outubro de 2016, Áurea Carolina e Cida Falabella foram eleitas vereadoras em Belo Horizonte pelo PSOL, junto à movimentação *Muitas pela Cidade que Queremos* e à Frente de Esquerda BH Socialista, em uma campanha coletiva, aberta e que se propunha a construir outras formas de fazer política. Desde a campanha, manifestamos a importância de ações afirmativas. A equipe montada até agora buscou diversidade de gênero, étnico-racial, geracional e de orientação sexual. É formada, hoje, por 32 pessoas, sendo 21 mulheres, 16 pessoas negras e 13 LGBTIQs. São 13 mulheres negras e uma indígena. Esse mosaico de corpos

e lutas foi um desejo, um compromisso e uma construção real. A vontade de compor parte da equipe da gabinetona por meio de chamada pública surgiu nas imersões e oficinas abertas que realizamos no final de 2015 e reflete um desejo por processos mais abertos, transparentes e democráticos.

2 - VAGAS

Nessa primeira experimentação de composição de equipe por chamada pública, abriremos 7 vagas, sendo: [...]

- 1 (uma) vaga para o projeto de Teatro Legislativo [...] (grifo do autor)

2.3 - Vaga para o Facilitador em Teatro Legislativo

Será aberta 1 (uma) vaga para Facilitadora/Facilitador em Teatro Legislativo, com 6 horas diárias flexíveis. A colaboradora ou o colaborador que ocupar esse espaço irá atuar pelo período de 1 (um) ano na formação e no treinamento da equipe que compõe o Núcleo de Mobilização Social e Educação Popular da gabinetona. A Facilitadora/Facilitador em Teatro Legislativo terá como base metodológica as técnicas do Teatro do Oprimido, especialmente as do Teatro Legislativo concebidas por Augusto Boal durante seu mandato como vereador no Rio de Janeiro entre os anos de 1993 e 1997, e outras formulações sobre o tema. O trabalho a ser desenvolvido terá como principal objetivo fomentar em grupos e/ou comunidades processos de construção ativa e participativa de legislações de seu interesse, em consonância com os princípios de atuação do mandato coletivo e aberto das vereadoras. Será pré-requisito para o preenchimento da vaga conhecimentos básicos em Teatro do Oprimido. Segundo Boal: “O Teatro do Oprimido procura desenvolver o desejo e criar espaço no qual se possam ensaiar ações futuras. O Teatro Legislativo procura ir além e transformar esse desejo em lei”, e “O teatro legislativo é uma extensão do Teatro do Oprimido, em que o espectador se transforma em ator: agora, o cidadão se transforma em legislador”. Salário bruto para a vaga é R\$3.000,00, mais um auxílio alimentação de R\$27,50 por dia de trabalho. [...]

3 - INSCRIÇÃO [...]

4 - SELEÇÃO

Esta não é uma chamada meritocrática. O processo de seleção levará em conta, além da capacidade técnica e trajetória profissional, o compromisso de manter paridade entre mulheres e homens, e entre pessoas negras/indígenas e brancas. Temos o desejo de abrigar outras diversidades, como pessoas LGBTQIAs, egressas do sistema prisional, imigrantes, pessoas com deficiência, entre outras. [...]

5 - CONTRATAÇÃO

As pessoas que passarem pela segunda etapa serão contratadas/os como assessores parlamentares vinculados aos gabinetes de Áurea Carolina ou Cida Falabella, ocupando cargos de confiança de livre nomeação e livre exoneração, nos termos do art. 147 da Lei no 7.863/1999. Tratam-se de cargos em comissão que não se confundem com os cargos de provimento efetivo para a Câmara Municipal, que devem ser precedidos por concurso público de provas ou de provas e títulos realizado pela Instituição, conforme o disposto no art. 37, II, da CR/88. [...] (<https://drive.google.com/file/d/0B69612xmec2aOGJncUJFFS2s1aE0/view>)

Em 1º de janeiro de 1993, começava a experiência do Teatro-Legislativo do Mandato Político Teatral Augusto Boal. O gabinete foi dividido em dois setores que dialogavam intensamente, tanto nos momentos de construção das leis, quanto nos processos cotidianos, ligados à assessoria jurídico-parlamentar. O primeiro setor, o político, era formado por advogados especialistas, secretárias, motorista, *office-boy* e assessores parlamentares que constituíam o “gabinete interno”. No segundo setor, o artístico, situavam-se aquelas pessoas que atuavam de forma direta nos espetáculos de Teatro-Fórum e nos comícios festivos: atores, cenógrafos, figurinistas, bailarinos, pintores, músicos, dentre outras funções. Era o chamado “gabinete externo”. Esses profissionais formavam um coletivo de 25 pessoas, divididas em cinco equipes; cada uma delas com cinco pessoas, as quais tinham como coordenador um curinga do CTO.

A tarefa de cada equipe, dentro do projeto político do mandato, era criar o maior número possível de grupos de Teatro do Oprimido pelos bairros da cidade, de

forma a construir uma rede de núcleos com o objetivo de trazer à tona e discutir abertamente os problemas de suas comunidades, utilizando como ferramenta metodológica as técnicas do Método Boal, principalmente o Teatro-Fórum. Assim, seriam realizados debates públicos em que as intervenções cênicas dos *espect-atores*,¹ criadas inicialmente dentro de um contexto de encenação, poderiam ser transformadas em proposições essencialmente políticas, surgidas do anseio popular *in natura*, passando a fazer parte efetiva dos projetos de lei a serem apresentados pelo mandato para votação na Câmara dos Vereadores. Outra possibilidade seria, por exemplo, o de prestar orientação jurídica para casos em que já houvesse legislação sobre o tema. Se fosse essa a opção, entrariam em cena, no Teatro-Fórum, questões de ordem política-jurídica.

Dentre os principais grupos que a assessoria do gabinete do vereador Augusto Boal criou, acompanhou e desenvolveu com sucesso, destacaram-se os seguintes: Núcleo de Teatro do Oprimido “Sol da Manhã”, formado por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST); grupo de professoras de escolas públicas; Juventude Católica da Teologia da Libertação; empregadas domésticas; jovens negros universitários. Deste último, surgiu o Núcleo de Teatro do Oprimido do Coletivo Estadual do Negro Universitário (Cenun), cujas atividades político-artísticas extrapolaram as fronteiras do país.

Esse Coletivo produziu dois trabalhos artísticos entre 1994 e 1995: o primeiro, estruturado sob a forma de cenas de Teatro-Fórum, tratava do acesso ao ensino superior pela população negra. Mais do que um espetáculo propriamente dito, esse trabalho configurou-se como uma ação teatral que se tornaria, inclusive, precursora do movimento de reivindicação das cotas para estudantes negros nas universidades, o qual alcançaria resultados concretos somente no início do século XXI.² Buscava-se, com isso, trazer à tona um debate sobre a situação de exclusão dos negros, existente, de forma velada, dentro do sistema educacional brasileiro, e cujos efeitos se evidenciavam nas estatísticas oficiais do período: em 1997, apenas 2,2% de pardos e 1,8% de negros, entre 18 e 24 anos, cursavam ou tinham concluído um curso de graduação no Brasil. O segundo, intitulado *O Pregador*, apresentava a dificuldade de inserção do profissional liberal negro no mercado de trabalho no país. Ambos os trabalhos foram construídos a partir da estrutura dramatúrgica do Teatro-Fórum, técnica em que o espectador sai da

1 Termo criado por Augusto Boal para designar o espectador que observa a cena para depois atuar na mesma durante uma sessão de Teatro-Fórum.

2 As cotas para negros e pardos (40% das vagas) e para estudantes de escolas públicas (50%), nas universidades estaduais do Rio (Lei nº 3.708/2001), foram regulamentadas por um Decreto de lei sancionado em julho de 2002 pela governadora negra Benedita da Silva (PT).

passividade comumente atribuída ao observador de teatro, entra efetivamente em cena e ensaia, com o apoio do elenco de atores, uma ação real futura como possibilidade de transformar a realidade opressora apresentada cenicamente. O núcleo de teatro do Cenun foi organizado em 1994, mas foi em 1995, com esse espetáculo, que atingiu o seu melhor nível artístico e alcançou maior êxito em seu propósito de promover a reflexão crítica sobre a questão da discriminação racial no trabalho.

O texto de *O Pregador* foi escrito pelo grupo a partir dos exercícios do Método Boal, em que relatos de opressões reais são teatralizados e analisados, de modo a possibilitar a seus participantes discutir, pública e teatralmente, uma questão social ou política pertinente a um determinado grupo.

(MC)

VOU CANTAR PRÁ VOCÊS

O RAP DA CLARINHA,

ENTROU PRÁ FACULDADE,

FICOU MAIS ESPERTINHA! Papapapará!

(MC): CAXIAS

(CORO): PUC

(MC): SÃO JOÃO

(CORO): UERJ

(MC): BANGU

(CORO): FUNDÃO

(MC): BONSUCESSO

(CORO): GAMA FILHO

(MC) MADUREIRA

(CORO): UNI-RIO

(MC) E LÁ NO MEIER?

(CORO): SUAM

(MC) NOVA IGUAÇU

(CORO): UFF

(MC): VIGÁRIO GERAL,

(TODOS como sirene de polícia): UAU, UAU, UAU!

(MC)

SE JUNTAR, NÃO DÁ DEZ POR CENTO DE NEGÃO
É A REALIDADE
A DISTÂNCIA, A MENSALIDADE,
É UMA BARRA FAZER FACULDADE
ENSINO PÚBLICO E GRATUITO?
É UMA PILHÉRIA.
NEGÃO TEM QUE RALAR PRÁ FUGIR DA MISÉRIA
COMPRAR LIVRO, NÃO DÁ
SÓ DÁ PRÁ XEROCAR
PRÁ FAZER O MEU ACERVO, TÔ ROUBANDO LIVRO EM
SEBO!

NA SUA SALA DE AULA
VOCÊ TEM QUE PROCURAR
SE VOCÊ FOSSE CONTAR NO DIREITO, MEDICINA,
ENGENHARIA,
QUANTOS NEGÕES VOCÊ ENCONTRARIA?
POR QUE SERÁ?
SERÁ PORQUE NEGÃO NÃO SABE PENSAR?
OU É O VESTIBULAR QUE NÃO SABE AVALIAR?
TUDO BEM, E AÍ? DEPOIS QUE CONCLUIR?
QUEM É QUE VAI TE ADMITIR?
VOCÊ TEM QUE SUAR, CORRER PRÁ TODO LADO,
PRÁ ARRUMAR ALGUM DINDIM.

TÁ NA HORA
TÁ HORA DE GRITAR
TÁ NA HORA DE ENCARAR
DE ASSUMIR O SEU LUGAR (BIS)
NA SOCIEDADE,
NA SUA CIDADE,
NA SUA FACULDADE!



FIGURA 2: *O Pregador*. Teatro Cacilda
Becker, Rio de Janeiro, 1995
Foto: Renato Velasco

A conquista das cotas deu-se a partir da mobilização coletiva de atores sociais, organizados fora da universidade, com os poderes Executivo e Legislativo, e *O Pregador* fez parte desse processo, debatendo o tema em diversas instituições: Universidade Federal Fluminense (UFF), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) *Campus* Ilha do Fundão, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ *Campus* Largo de São Francisco, Pontifícia Universitária Católica (PUC/RJ). Em 9 de novembro de 2001, foi sancionada a Lei nº 3.708/2001, que implementou as cotas raciais e instituiu a cota mínima de até 40% para as populações negra e parda nos cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).

No período entre 1993 e 1996, foram criados ou mobilizados 60 grupos que criavam cenas de Teatro-Fórum a partir de suas realidades e se apresentavam em todos os cantos da cidade maravilhosa: do Arpoador à Rocinha, do Centro à Zona Oeste, de Madureira à Pavuna. Nesse período, foram elaboradas 13 propostas de lei, geradas pelas discussões suscitadas pelo Teatro Legislativo.

Se durante o mandato de Boal nasceu o Cenu – o qual se propunha a tratar, naquele momento, do racismo presente no sistema educacional brasileiro –, na proposição das vereadoras mineiras Áurea Carolina e Cida Falabella, é criado o coletivo artístico “AZ Diferentonas”, grupo de teatro e educação popular, tendo o Teatro Legislativo como o seu método preferencial de participação e mobilização popular.

A candidata aprovada para assumir o cargo de assessora de Teatro Legislativo na seleção da Chamada Pública mineira foi Gabriela Chiari,³ pesquisadora do Teatro do Oprimido que realizou estudos no CTO-RJ, e junto ao Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido (Gesto), o qual assume a função de curinga do grupo.

O primeiro experimento de Teatro-Fórum, intitulado *Até Quando?*, teve como objetivo expor e discutir, dentro do Seminário Segurança Cidadã, realizado na Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte, o genocídio do povo preto que vem ocorrendo sistematicamente na periferia da capital mineira. A peça gira em torno de um jovem negro adolescente que simplesmente caminha na rua com a sua mãe, quando sofre uma abordagem truculenta das personagens alegóricas “Sistema” e “Poder”, as quais personificam o racismo e a opressão social sobre a população negro-brasileira.

Segundo Chiari, o texto foi escrito a partir de depoimentos de jovens negros que já sofreram violência policial nas ruas de suas comunidades em Belo Horizonte. Através do Teatro-Fórum, a performance fomenta a busca de soluções para políticas municipais sobre segurança pública cidadã e direitos da juventude negra, tema do Seminário.

DEMENOR (Para mãe): - Porque tudo pra gente é mais difícil. Eu só queria ser feliz! **Só queria ser!** Porque tudo pra gente é um drama, é um negro drama... “Dinheiro, problemas, Inveja, luxo, fama. Cabelo crespo, E a pele escura, A ferida, a chaga, A procura da cura. Tenta ver e **não vê nada, A não ser uma estrela, Longe meio ofuscada. Sente o drama, O preço, a cobrança, No amor, no ódio, A insana vingança.** Eu sei quem trama, E quem tá comigo, O trauma que eu carrego Pra não ser mais um preto

3 Gabriela Chiari é atriz, professora e doutoranda em teatro na UFMF.

fodido.” O Sistema – (batendo palmas) – **Já acabou com o Negro Drama? Não temos tempo a perder. O que querem? Não precisam dizer** pois **já sei. Aposto que querem centavos, migalhas. Porque coisas iguais a** vocês, só sabem engravidar, pedir, feder e a roubar. Já nascem predestinados.

O PODER: - Ah se eu pudesse, se os direitos humanos não viessem me atazanar, eu mandava tirar cada crioulinho, cada macaquinho, do ventre da mãe preta! Para não pôr nunca mais uma peste como essa no mundo.

MÃE - Eu só queria... (é interrompida)

O PODER: - E desde quando você pode querer? Quem te permitiu querer? Eu sou o poder! Eu sou a glória! Só eu posso permitir quem pode ou não querer.

DEMENOR: - *Ei. Ei! Eu sou...*

O PODER E O SISTEMA: De menor! O delinquente! O marginal! É isso quem você é: o menor

DEMENOR: - Não... Sou Gabriel! Estudante! Artista. Cheio de sonhos. Um jovem potente. Cheio de energia. De vitalidade necessária para propor coisas novas. Pra pensar num novo mundo. Um novo mundo é possível. Basta acreditar. E isso que eu sou: o futuro.

O SISTEMA: - O futuro? Venha aqui agora: Vejam essas orelhas de abanos, essa cabeça grande, esse queixo pra fora. Essa boca carnuda. Essa bunda grande. Esse cheiro forte. Esse é o corpo do futuro? Aposto que tem tatuagens, pois tipos assim não sentem dor, só sentem ódio. São esses que violentam, estupram nossas mulheres. São esses que roubam nossos bens?

O PODER: - Violam nosso direito de ir e vir... Nos fazem ficar trancados em nossos condomínios luxuosos... São esses que fazem com que nosso carros sejam blindados. Que atravessamos a rua quando o vemos! Que seguremos nossas bolsas quando cruzamos com ele. São esse que nos fazem sentir medo, insegurança. Eu decreto morte a essa gente de cor. Porque vidas Pretas não importam! Choro aos poucos mortos no atentado em Paris. Choro por todos os brancos que foram mortos por engano. Mas

não choro a morte de Gabriel de 14 anos, morto no baile *funk*. Não choro por Igor Mendes morto por uma bala de fuzil, em Ouro Preto. Não choro pelo corpo arrastado de Claudia. Não choro por Amarildo. Não choro pelos cinco jovens baleados quando festejam o primeiro emprego. Não choro pelo menino morto porque carregava bolinha de gude. Não choro pelos mortos do Haiti e muito menos pelos mais de 400 mortos em Serra Leoa. Porque Vidas Pretas não importam! Quantas vezes vou ter que dizer.

A MÃE!: - E os nossos direitos?

O PODER: - Direitos?

Para o teatrólogo Augusto Boal, o uso do teatro como instrumento de transmissão ou reforço de pensamentos, ideologias ou propostas políticas é uma prática que se confunde com a própria história dessa arte. Em seu livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*, ele faz uma reflexão sobre os fins políticos do espetáculo teatral desde a tragédia e a comédia da Antiguidade Grega. Para Boal, o teatro é um fenômeno intrinsecamente político, ainda que os fazedores teatrais da *polis* atual não tenham consciência de tal fato.



FIGURA 3: Até Quando?. Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte, 2017
Foto: Abraão Bruck.

Analisando o que chama de “poéticas políticas”, Boal (2005) procura ir além de Bertolt Brecht na relação palco/plateia, ator/espectador. Ele afirma que, ao participar de uma celebração teatral, o espectador: 1) continuará sofrendo e se emocionando (descoberta aristotélica); 2) deverá ser levado a raciocinar e decidir-se a modificar a sociedade (proposta brechtiana); e 3) agir imediatamente, modificando o próprio ato teatral que reflete a sua vida social (proposta do Teatro do Oprimido).

Nessa perspectiva, o Método Boal se configura como uma poética política, como o próprio autor a denomina ao tecer suas análises. Para ele, o teatro – enquanto forma estética consagrada oficialmente pelas classes dominantes – é utilizado como recurso de doutrinação coercitivo; propõe, em contrapartida, que o teatro seja devolvido ao povo. A ideia é que o espectador volte a representar, a atuar, que seja o protagonista de suas ações, como o foi, aliás, nas formas cênicas originárias, consideradas *para* ou *extrateatrais* para o pensamento hegemônico. Em suas experimentações pelo mundo afora, Boal cria e sistematiza as técnicas de seu arsenal: Teatro-Jornal (Brasil), Teatro Invisível (Argentina), Teatro-fórum e Teatro-Imagem (Peru), Arco-íris do Desejo (França), Teatro-Legislativo e Estética do Oprimido (Brasil), conjunto metodológico que compõe, juntamente com os jogos e exercícios “para atores e não atores”, o sistema do Teatro do Oprimido, simbolizados por Boal na imagem da Árvore do Teatro do Oprimido. (BOAL, 2005)

Sobre a proposta do Teatro Legislativo, Boal explica:

RESUMO - Semelhança entre o Teatro do Oprimido (o espectador se transforma em ator) e o Teatro Legislativo (o cidadão se transforma em legislador). A proposta do Mandato de Vereador, a falaciosa democracia direta grega, a democracia representativa e a ideia de uma democracia ‘transitiva’, ‘participativa’ ou ‘interativa’.

[...] O mesmo se tenta com o Teatro Legislativo. Não admitimos que o eleitor seja um mero espectador das ações do parlamentar, mesmo quando corretas: queremos que opine, discuta, contraponha argumentos, seja corresponsável por aquilo que faz o seu parlamentar. (BOAL, 1996, p. 45-46)

É interessante perceber que, na época da sistematização do Método, Boal indicava a Poética do Oprimido somente para grupos teatrais “verdadeiramente revolucionários”. Posteriormente, contudo, ampliou o seu uso para todos os que desejassem desenvolver um diálogo social por meio da arte do teatro.

O criador do Teatro do Oprimido identifica os monólogos sociais⁴ em todos os níveis de relações – homem/mulher, pais/filhos, governante/povo, primeiro/terceiro mundo – nos binômios dialéticos, quando somente um é agente e o outro é, obrigatoriamente, paciente da ação. Nestes monólogos, encontramos o racial, que no Brasil acontece entre brancos (ricos) / negros (pobres). O primeiro fala, age, tem privilégios; o segundo não pode falar, tem que ouvir, não tem acesso ao desenvolvimento social e ao consumo, tem pouco acesso à educação. Seguindo esta concepção do diálogo social, os negros também teriam o direito de serem atores, protagonistas de suas vidas! (TURLE, 2014)

Na Gabinetona, as vereadoras eleitas Áurea Carolina e Cida Falabella, que fazem parte do movimento “Muitas pela Cidade que Queremos”, coletivo de ativistas de direitos sociais, ao criarem um gabinete legislativo conjunto, pretendem que seus mandatos estejam permanentemente integrados a movimentos sociais que abraçam temas essenciais da contemporaneidade: feminismo, racismo, a questão LGBT, o Movimento Sem Teto, as ocupações urbanas e outros, cujos atores são a própria sociedade civil da cidade de Belo Horizonte.

O espetáculo *Até Quando?* foi apresentado no Seminário de Segurança Cidadã promovido pela Gabinetona, no plenário da Câmara Municipal, colocando, sentados lado a lado, mais de 50 policiais da guarda municipal e jovens do movimento *Hip Hop*. A guarda municipal participou do Teatro-Fórum, substituindo o personagem “DeMenor”, assumindo, assim, o papel do oprimido diante da agressão realizada pelo “Sistema” e o “Poder”. A sequência de intervenções realizada pelo público presente foi, aos poucos, gerando um debate ético-estético sobre como se dá a repressão sobre a juventude negra e que procedimentos deveriam ser evitados em uma abordagem. Logo, o Teatro Legislativo está instaurado e, sob a coordenação das vereadoras, a sessão parlamentar simbólica é aberta, levando a assembleia popular a opinar sobre a legislação e suas alternativas. Arte e política juntas!

4 Boal utiliza os termos “monólogo social” quando somente um fala ou age enquanto que o outro escuta ou é obrigado a ficar passivo; e, “diálogo social” para a relação ideal utópica entre os homens quando todos têm o direito a falar e agir igualmente.

Tal resgate, 21 anos depois de sua concreção enquanto proposta de mandato do então vereador Augusto Boal na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, mostra a força inventiva do Teatro do Oprimido – ganhando, aqui, um recorte no Teatro Legislativo – como possibilidade de pensamento que vai muito além de um projeto datado, limitado àquele contexto histórico e, sobretudo, como potência de ação nas políticas públicas contra todas as formas de discriminação e, em especial, o racismo.

Trata-se, de um lado, do esforço de construção de outros saberes, diferentes daqueles instituídos como verdadeiros; de outro, da descoberta de uma nova ética, pautada nas vozes periféricas e contra-hegemônicas da sociedade.



REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. *Teatro legislativo*. Versão Beta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

TURLE, Licko. *Teatro do Oprimido e Negritude: a utilização do teatro-fórum na questão racial*. Rio de Janeiro: E-Papers: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

NOELI TURLE DA SILVA (LICKO TURLE): é Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Consultor *Ad Hoc* Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) em Teatro do Oprimido. Ator e diretor teatral.